

POR QUE SOMOS COMO SOMOS?

Larissa Isabel de Oliveira Jesus

Tecnóloga em Logística e Graduanda em Psicologia pela UNIFACP
larissa.iesus@gmail.com

Valdeir Donizete Del Cont

Psicólogo Clínico - Especialização Clínica. Pós-doutorado em Antropologia - Doutor em Ciências Sociais - Mestrado em Filosofia - Graduação em Filosofia e Psicologia
Docente da UNIFACP e orientador deste trabalho
valdeir.delcont@facp.com.br

RESUMO

Objetiva-se investigar o papel da teoria darwiniana na psicologia e seus efeitos na relação mente-corpo. Para isso, utilizamos uma abordagem qualitativa, por meio de pesquisa bibliográfica, com foco em literatura não sistematizada.

Palavras-chave: psicologia evolucionista, gene-cultura, inato-adquirido.

1. INTRODUÇÃO

Em a Origem das Espécies (1859), Darwin explica o princípio da seleção natural, e descreve que os indivíduos que possuem características fenotípicas melhor adaptadas, ou seja, físicas e comportamentais, conseguem mais recursos para sobrevivência da espécie, como a obtenção de alimentos, evitar predadores, ou atrair mais parceiros reprodutivos. Sua teoria postulava que se esses traços fossem herdados pela prole, as gerações seguintes, ao longo dos anos, apresentariam mudanças nas características da espécie, trazendo maior probabilidade de apresentar indivíduos com traços melhores adaptados. Para que a seleção natural aconteça, Darwin previa que houvesse variação entre os indivíduos de um determinado traço, além da competição entre os portadores deste traço para a sobrevivência e reprodução, e por fim a herdabilidade do traço ao longo das gerações (YAMAMOTO et al, 2018).

Apesar de Darwin não especificar a evolução humana como objeto de estudo nesta sua obra, em suas páginas finais cita:

“Em um futuro distante, eu vejo campos abertos para pesquisas muito mais importantes. A Psicologia encontrará uma base segura no fundamento da aquisição necessária de cada poder mental e de cada capacidade mental de forma gradativa. Muita luz será lançada sobre a origem do homem e sua história” (Darwin, 1859/1996, p. 394).

Aproximadamente após 10 anos, nas obras *A Origem do Homem e a Seleção Sexual* (1871/2004) e *A expressão das emoções no homem e nos animais* (1872/2009), que Darwin publica sua teoria sobre o comportamento humano. Nestas obras, ele afirma que os seres humanos sofrem influências dos mesmos processos evolutivos, cognitivos e emocionais, como o restante do mundo natural, demonstrando isso através das teorias da seleção sexual e da expressão das emoções, onde comprova grandes semelhanças entre animais e humanos (YAMAMOTO et al, 2018).

Tudo o que evolui, passa por um processo de maturação e ontogênese específico, como por exemplo, o nascimento dos dentes e da barba. Existem um período propício para que isso aconteça. O mesmo acontece com os comportamentos humanos, como por exemplo, o interesse sexual. Não é porque nascemos sem interesse em parceiros amorosos, que morreremos sem nos relacionar. Cada comportamento se desenvolve biologicamente segundo cada ambiente. Isto significa que o inato não aparece pronto, pois requer uma ontogênese (VIEIRA e OLIVA, 2017).

Para a psicologia evolutiva, cada indivíduo foi “programado” pela evolução, na forma de pensar, aprender e se comportar de acordo com maneiras que favoreçam a sua sobrevivência ao longo das gerações. Presume que os genes relacionados a sobrevivência, foram transmitidos através das gerações. Com relação a aprendizagem, é possível observar que o ser humano é moldado pelo seu ambiente biológico, durante a maior parte de seu desenvolvimento, não excluindo a influência das forças sociais e culturais (BASTOS, 2010).

2. OBJETIVOS

Esta pesquisa tem como objetivo compreender e conhecer como a teoria darwiniana contribuiu para a psicologia e quais foram seus impactos sob a relação mente-corpo, bem como estabelecer relações teóricas com a Psicologia Evolucionista.

Também teve o intuito de compreender o impacto das questões fundamentais da psicologia referente ao inato-adquirido e gene-cultura. Por fim, buscou estudar como os aspectos filogenéticos e ontogenéticos podem contribuir positivamente para a psicologia e o estudo do comportamento humano;

3. MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa fez uso de metodologia qualitativa, através de pesquisa bibliográfica, com literatura não sistematizada. Para a construção dos dados desejados, se utilizou os termos relacionados à temática, tais como Psicologia Evolucionista, teoria darwiniana, inato-adquirido, gene cultura, bem como seus respectivos termos em inglês. A seleção

dos artigos foi feita por meio de uma leitura prévia do resumo, como primeira triagem, e posteriormente, os artigos que se encontraram dentro dos parâmetros relacionados à temática, foram lidos em sua integralidade. Serviram como fundamentos as bases de dados online, “Google Acadêmico”, “Scielo”, “BVS Psi”, “Pepsic” e “APA”.

4. RESULTADOS

Esta pesquisa debruçou-se em compreender como a teoria darwiniana contribuiu para a psicologia e quais foram os seus impactos sob a relação mente-corpo. É notório contemplar que a teoria darwiniana ofereceu à espécie humana uma compreensão de que o desejo pela perpetuação da espécie pulsava dentro de nossos genes ancestrais. Darwin trouxe a percepção de que o ambiente hostil em que os humanos estavam inseridos, foi matéria prima para que eles, além de sobreviver, pudessem se adaptar por meio de suas decisões e reflexões, mostrou também, que a sobrevivência é resultado de incontáveis variáveis, sendo o sofrimento uma delas (PRINCE et al., 1994). É curioso perceber que Charles Darwin não possuía interesse pelos comportamentos humanos, porém foi uma consequência natural de sua pesquisa, isto porque compreendeu que as características fenotípicas ofereciam a possibilidade de continuidade para a espécie, pois algumas são propagadas aos herdeiros. (YAMAMOTO et al, 2018).

5. DISCUSSÃO

Determinações genéticas sobre o comportamento podem ser facilmente observadas no campo das emoções. Charles Darwin, com a teoria da evolução, sustentou através de evidências, que a natureza inata aparece em grande parte na expressão emocional (OTTA et al, 2003, p. 285). A aplicação da teoria da evolução para compreensão do comportamento humano, tem se desenvolvido expansivamente nos últimos anos, e faz-se necessário compreender como a evolução natural contribuiu com a psicologia, através da filogênese (VIEIRA e OLIVA, 2017).

O conceito de epigenese é utilizado por vários autores com o objetivo de explicar a relação entre a genética e os fatores ambientais. Este conceito, basicamente, diz respeito ao processo que envolve a ação de genes, proteínas, neurônios, ambiente e cultura na formação de novas estruturas e funções durante o curso do desenvolvimento e traz inúmeras contribuições para o avanço desta área de estudos. Portanto, é possível afirmar que o desenvolvimento seria resultante da interação entre a herança biológica e aspectos culturais, deste modo enfatizando as relações transacionais entre organismo e ambiente. O indivíduo-ambiente é bidirecional, visto que ele modifica o ambiente, ao mesmo tempo que o ambiente o modifica, conforme as demandas específicas. Pensar em evolução se refere basicamente a concepção de que seres vivos mudam o tempo

todo, não necessariamente se tornando superiores, mas, melhor adaptados às condições ambientais. (MARTINS e VIEIRA, 2010).

As informações genéticas atuam na construção do sistema nervoso central, concedendo-lhe uma organização bastante complexa. O estudo dos animais nos proporcionou visualizar que é possível nascer com um conhecimento relevante de características ambientais e saber como agir diante delas (OTTA et al, 2003, p. 287).

Aplicar a perspectiva evolucionista ao estudo do comportamento humano, possibilitou novas possibilidades de compreender os processos psicológicos, bem como as interações sociais (VIEIRA e OLIVA, 2017).

Sabemos que cada indivíduo é diferente de outro, porém é possível observar que os homens tem muita coisa em comum entre si, e o mesmo acontece com as mulheres. Entre os sexos, a amplitude dessas diferenças aumenta. Infelizmente estas diferenças, ao longo dos anos, têm sido encaradas como incitadoras de discriminação.

Um dado relevante é que quanto maior o índice de democracia dentro de uma sociedade, mais evidente são as diferenças entre homens e mulheres (NATIVIDADE et al, 2014). Para Darwin, é possível que as diferenças nas capacidades mentais entre homens e mulheres, estejam relacionadas à seleção resultante da competição masculina por parceiras reprodutivas e à provisão de cuidado feminino aos seus filhos (YAMAMOTO et al, 2018).

Ao longo dos anos, foram postuladas diversas teorias referentes a sexualidade e papéis masculinos e femininos por diversos autores, e apesar das teorias parecerem divergentes, elas não são mutuamente excludentes. É possível entender que a intensidade da seleção sexual é dada diante da diferença de investimento entre os sexos, ou seja, para as fêmeas, as oportunidades reprodutivas estão relacionadas ao esforço parental, gravidez e lactação, enquanto para os machos, está altamente relacionada ao número de parceiras disponíveis para acasalamento. Neste caso, é possível entender o motivo da competição entre os machos para se reproduzirem, criando desta forma um ambiente favorável para que as fêmeas possam escolher seus parceiros. Tomando este contexto, é possível afirmar que o processo da seleção sexual, utilizado por ambos os sexos, concebe a dinâmica das interações criando padrões dismórficos, tanto no comportamento quanto em sua fisiologia. Estes são fatores influenciados por genes e hormônios, bem como ambiente físico e social, com o intuito de obter maior probabilidade de sucesso reprodutivo e geração de descendentes (YAMAMOTO et al, 2018).

Enquanto a sociobiologia se empenhava em demonstrar como a espécie humana age focada na continuidade da espécie, a Psicologia Evolucionista vem se dedicar a esclarecer os mecanismos psicológicos envolvidos nestes comportamentos, e em

ambos os casos se tratam de orientações teóricas, ou seja, fontes de inspiração específicas que precisam ser testadas, e é importante considerar que uma mesma orientação teórica pode inspirar diversas teorias (YAMAMOTO et al, 2018).

Barkow, Cosmide e Tooby (1992), ao pensarem quais seriam as ideias essenciais de uma psicologia que se baseia na evolução, deixam de lado a possibilidade de colocar num local de destaque aquilo que se conhece como ontogênese, tal conceito pode ser compreendido como sendo o método de formação de um ser vivo, deste modo, percebe-se que os autores se basearam na mente já desenvolvida de um adulto.

Ao contemplar a espécie humana que se prolonga na história por meio de incontáveis nascimentos, é possível concluir que os bebês ao chegarem a este mundo possuem um idêntico mecanismo biológico, portanto chega-se à conclusão de que alguma coisa que é tão repetida não seria suficiente para esclarecer a grande variação que ocorre no comportamento de pessoas já desenvolvidas, costumeiramente chamadas de adultos. Outra situação é de que cada recém-nascido necessita de um princípio externo a si mesmo para continuar seu desenvolvimento, isto porque sua capacidade cognitiva e social é muito elementar se comparada à de um ser humano adulto. Os autores concluem que, a princípio o que o bebê necessita pertence a um espaço social que é formado por comportamentos e representações daqueles que compõem os grupos, ou seja, a cultura. Toda organização mental de uma pessoa se organiza em dois pilares: aquilo que inato, ou seja, que é biológico, que foi geneticamente programado e o que é social, portanto, aquilo que se adquire ou se aprende no ambiente, o que se recebe por meio da cultura. (TOOBY e COSMIDE, 1992).

Existe uma grande inexatidão quando argumentamos que o comportamento humano é inato ou adquirido. Parece-nos que ao pendermo-nos para um ou outro extremo nos distanciamos da colocação do filósofo grego Aristóteles, o qual afirma que a virtude está no meio, ou seja, na forma média ponderada dos fatos. Fica claro então que podemos nos convencer do quão errados estamos quando nos direcionamos para um ou outro lado, pois a probabilidade de incorremos em erro é muito grande. Tal possibilidade se sustenta porque quando nos voltamos a um bebe que chora e afirmamos que seu choro é inato, porque não há como sustentar que aprendeu a chorar, devido ao pequeno espaço de tempo que está vivendo neste mundo. Por outro lado, podemos nos encantar com um animal de grande porte, como um urso, andando de bicicleta, é óbvio que ele adquiriu tal hábito. Então podemos perceber que há argumentos que sustentam tanto o inato quanto o adquirido, no entanto, no caso do urso é todo o conjunto que conta, como sua forma de se equilibrar, sua coordenação motora etc. (OTTA et al, 2003).

Somos convidados pela teoria da Psicologia do Desenvolvimento Evolucionista – PDE, a qual acredita que assumir um ponto de vista evolucionista e colocar a ontogênese

numa posição de destaque é possível. O ponto de partida é que o modo de se comportar enquanto adulto, de modo especial, a questão da reprodução, é dependente de como o indivíduo desenvolveu-se até atingir a maturidade sexual, isto porque na espécie humana ocorre um longo período de imaturidade e dependência (MARTINS e VIEIRA, 2010).

Quando mergulhamos para os primórdios da forma de pensar psicologicamente, nos deparamos com uma posição cartesiana, embora seja apenas ocasionalmente explicada, no entanto, há incomodo, pois podemos encontrar René Descartes incomodado para trazer à tona a explicação da origem das paixões humanas, as quais são ao mesmo tempo corporais e mentais, embora não demonstre uma divisão entre o que é psicológico e o que é biológico, e porque não fornece uma epistemologia que consiga dar conta com independência do que é psicológico.

Percebe-se que o determinante biológico não é negado, mas é deixado de lado das explicações que se referem tanto a mente como às atitudes, ou seja, o comportamento. (ADES, 2009).

Além dessa ambiguidade, emergem dicotomias que se auto reforçam, como a que existe entre a natureza e a criação, entre o que é biológico e o que cultural, entre inato e aprendido, e distâncias ainda maiores das que as normalmente existentes entre as ciências, departamentos e cientistas. Cesar Ades se debruça para abordar a perspectiva evolucionista a qual realiza uma interpretação do comportamento humano, que podemos dizer ser uma adaptação das condições tanto sociais quanto físicas nas quais o ser humano evolui enquanto espécie pensante (ADES, 2009).

Temos uma questão: aquilo que faz com que o ser humano seja diferente das outras espécies animais, faz com que não haja a possibilidade da aplicação do modelo evolucionista na forma do ser humano comportar-se? É possível ver as diferenças que aparecem no comportamento humano como uma analogia de que cada tipo de animal se diferencia de outro, portanto poderiam ser assemelhadas a uma perspectiva evolucionista (ADES, 2009).

Podemos perceber que na abordagem evolucionista não existe a pretensão de minimizar nem a estrutura, nem a fisiologia e nem o comportamento de um animal, os equiparando a tais modelos de outros animais. O que é pretendido é que se iniciando de princípios gerais, como seleção sexual, possa-se gerar explicações de como tais diferenças foram geradas. Deste modo, é perceptível que não tem contradição nem impossibilidade epistemológica em perceber que as características humanas se inserem num esquema muito maior de semelhanças e de continuação evolutiva.

Quando se vê o modo de portar-se do ser humano de uma forma a constatar a validade dos princípios de interpretação desenvolvidos para vida animal é possível chegar à

conclusão de que é um caso diferenciado, pois a interpretação evolutiva se fundamenta nas características específicas de cada espécie para que enriqueça o todo. Os estudos causais são o ponto de partida das hipóteses evolucionistas, pois os mesmos são necessários para se alcançar uma formulação precisa e para que uma comprovação seja conquistada (ADES, 2009).

Quando se utiliza a abordagem evolucionista do comportamento humano, faz-se a tentativa de encontrar a compreensão da função chamada adaptativa e do processo de seleção dos mecanismos psicológicos, os quais norteiam o progresso de algumas tratativas comportamentais. A depressão tem sido objeto de atenção pela Psicologia Evolucionista a qual possui como base a teoria da evolução por seleção natural que foi proposta por Darwin (KENNAIR, 2018). Tal abordagem propõe três pressupostos fundamentais para se chegar a uma compreensão sobre o ser humano: sendo o primeiro a existência de uma natureza universal, onde vê os mecanismos psicológicos sobre os comportamentos, o segundo que vê os mecanismos psicológicos como adaptações confeccionadas pela seleção natural e o terceiro que vê a evolução da mente humana como sendo a adequada para a forma de viver dos caçadores coletores.

É possível pensar que para se atenuar e chegar a prevenir a depressão faz necessário atingir o conhecimento daquilo que o ser humano necessita e aquilo que o revela como frágil. É notório que as abordagens evolucionistas se debruçam sobre a importante consciência de que tanto os sistemas de afetos como o humor depressivo embasam a depressão (TAVARES et al, 2021).

Segundo a teoria da competição social os estados depressivos são vistos como um mecanismo para se evitar conflitos, portanto chega-se à compreensão de que os indivíduos que se tornaram depressivos tinham maiores possibilidades de sobreviver, visto que não entravam em conflito, então a depressão é a saída, uma vez que não existe a possibilidade de se vencer o conflito, lembrando que o resultado do conflito poderia ser vários prejuízos ou até o fim da existência. A depressão pode aparecer ao logo da vida após o surgimento de alguns eventos como a morte de um ente querido que gera um luto profundo e dolorido. A semelhança da perda de alguém querido ao estado depressivo faz com que o possuidor de tais sintomas também se sinta como um perdedor no que se pode chamar de ranking social. As teorias que se embasam na evolução e na adaptação oferecem uma base teórica considerável trilhando pela estrada de que a depressão, não apenas patológica, podendo ser pensada e compreendida por meio de sua postura adaptativa. (PRINCE et al., 1994).

A Psicologia, até a década de 1950, buscou um status científico e uma objetividade, de forma ingênua diríamos, se amparando em modelos que se apoiam nas ciências físicas, deste modo, as emoções e todas as outras coisas que podem ser sentidas foram

lançadas para longe ou até tratadas como sem importância. Somente ao fim do século XX é que se pode perceber que a Psicologia voltou a sua face para o estudo das emoções. Termos e conceitos sobre cognição e emoção sofrem um aumento significativo de registros. Foi a Psicologia Evolucionista quem elevou o estudo das emoções de um simples figurante a protagonista, pois a cognição não é identificada ao pensamento, cognição é tudo que é mental, portanto, emoção e cognição podem ser consideradas como faces de uma mesma moeda (OLIVA,2006).

A emoção, portanto, é uma companheira de caminhada na longa estrada que é a vida humana. Muitos são impulsionados por ela, incontáveis poetas e músicos, um número admirável de escritores, sem contar os etólogos e psicólogos. Em sua obra “A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais”, de 1872, Darwin pensa como o ser humano e os animais expressam as suas emoções. Ele dá sustentação ao pensamento de que a maior parte da expressão emocional é de natureza inata, baseando-se suas conclusões em evidências que remontam até os dias de hoje e as quais são reconhecidas como atuais: quando a emoção se manifesta em bebês de forma bem precoce, antes mesmo de haver a possibilidade da aprendizagem; percebeu, também, que existe entre indivíduos que possuem experiências diferentes entre si de forma, contexto e função, cita como exemplo pessoas que não possuem a capacidade de enxergar em comparação com pessoas que possuem visão normal, também há diferentes grupos culturais humanos e do mesmo modo os estudos que comparam diferentes espécies animais (OTTA et al, 2003).

Como uma emoção em particular pode contribuir a sobrevivência da espécie humana? Darwin criou uma estrada recheada de hipóteses e observações e de consequências que se tornaram um farol para a Etologia até nossos dias. Porém, nem a antiguidade nem a nobreza da origem do interesse pelas emoções as coloca no centro, isto porque assim como o behaviorismo, a Etologia com a convicção de comportamento para se chegar à definição do objeto de estudo, portanto, emoção, sentimento, sonhos entre outros foram deixados a margem, e utilizados como anexo do que podemos chamar de núcleo comportamental. Um possível motivo que explicaria tal postura, pode ser encontrado nas dificuldades metodológicas (OTTA et al, 2003).

A emoção é aquilo que é de mais expressivo para a pessoa comum a ponto de pensarmos que nenhum outro fenômeno psicológico seja mais importante no cotidiano ou então nas situações que as patologias se manifestam. Lembremo-nos de que Darwin fez uso de um de seus livros para estudar as emoções tanto nos animais irracionais como no homem. Se contemplarmos a filosofia grega a vemos brilhar como o astro rei num intenso dia de calor ao meio dia no verão. Se pensarmos em filósofos mais recentes como Spinoza e Descartes, também perceberemos que dissertam incansavelmente

sobre o tema. Assim como o teatro, o cinema, tantos e tantos outros exemplos vemos as emoções ocuparem um papel de evidencia. É do meio da cultura que os pensadores recolhem sua matéria prima, a fala humana cotidiana oferece tanto o conjunto de palavras para designar as emoções, suas variações e tipos, como um discurso sobre as causas e consequências. Chama muito a atenção o fato de que o estudo das emoções não tenha sido tratado como prioridade ao longo do séc. XX na construção da Psicologia (OLIVA, 2006).

A Psicologia Evolucionista oferece a compreensão de que as emoções são forças que impulsionam, fazendo com que se faça coisas que os ancestrais da humanidade fizeram e os tornaram bem sucedidos em relação a adaptar-se ao ambiente. As emoções são o resultado de seleção e como consequência uma capacidade de adaptar-se. Chega-se a compreender que são dois pilares que apoiam a mente humana, a saber: o da plasticidade e o da especificidade dos sistemas neurais. Num primeiro olhar parece que são distintos, porém é dever nosso compreendê-los como complementares. Sendo que um gera a possibilidade da existência do outro. A plasticidade é vital para que ocorra a adaptação aos diferentes ambientes e a adaptação oferece a possibilidade da repetição de determinadas ações, o que vai gerando os sistemas neurais específicos. Portanto, é perceptível que a razão e a emoção são complementares e desempenham funções distintas, em momentos distintos do desenvolvimento filogenético e ontogenético (OLIVA, 2006).

6. CONCLUSÃO

Diante do exposto, é perceptível que a teoria darwiniana trouxe a humanidade grandes aportes, tais como: partindo do olhar centrado nos animais, suas interações e, principalmente, sua energia propulsora de sobrevivência num ambiente hostil, para visualizar a única espécie que pode ser considerada como racional, pois tem consciência de que possui uma capacidade de refletir e tomar decisões, sendo estas capazes de contribuir com a continuidade da espécie, o que retroalimenta o desenrolar da história humana. Darwin também revela que, tanto animais das mais variadas espécies, como o ser humano, estão sujeitos às necessidades de adaptação para garantia da sobrevivência, ainda que o sofrimento seja uma das consequências para perpetuação da espécie (PRINCE et al., 1994). É importante mencionar que, a priori Darwin não possuía interesse no estudo dos comportamentos humanos, no entanto, foi uma consequência natural, isto porque percebeu que características fenotípicas favorecem continuidade da espécie, pois algumas são transmitidas aos descendentes (YAMAMOTO et al, 2018).

Fazendo uso da psicologia evolutiva, a qual contempla que o ser humano foi moldado durante o processo de evolução, portanto recebeu uma configuração para pensar, comportar-se, aprender e adaptar-se, tendo como resposta a sobrevivência da espécie, tal processo ocorreu, e ainda ocorre, ao longo das gerações. O ambiente biológico é determinante para acomodar o desenvolvimento humano, embora não se extinga a interferência de fatores culturais e sociais (BASTOS, 2010).

Dentre todos os fenômenos psicológicos, a emoção se caracteriza como um dos mais expressivos, pois se manifesta dentro de comportamentos comuns ou patológicos. O estudo das emoções ganhou força ao fim do século XX, através Psicologia Evolucionista, por meio da qual é possível observar que as emoções nos impulsionam a refinar os comportamentos recebidos de nossos antepassados, ações estas que trouxeram melhores garantias adaptativas a nossa espécie (OLIVA, 2006).

Em síntese, é possível afirmar que a sobrevivência da espécie humana recebeu uma grandiosa contribuição da emoção, a qual está sendo, cada vez mais, retirada das margens e sendo colocada em seu devido posto, ou seja, no núcleo comportamental. Apesar de Darwin ter postulado hipóteses e observações que permanecem como referências para a Etologia até os dias atuais, sua contribuição foi de extrema relevância para a Psicologia Evolutiva (OTTA et al, 2003).

REFERÊNCIAS

- ADES, C., **Um olhar evolucionista para a Psicologia**. Salvador, BA, 2009. p.12.
- BARKOW, J., COSMIDES, L., TOOBY, J. (1992). **The adapted mind: evolutionary psychology and the generation of culture**. New York: Oxford University Press.
- BASTOS, C. L., **Alcances e limites da psicologia evolutiva para a compreensão da mente**. *Philósophos*, p. 29-55, 2010.
- DARWIN, C., **A origem das espécies**. São Paulo: Editora Escala. (1859/2009).
- KENNAIR, L. E. O. (2018). **Psicopatologia Evolucionista**. In M. E. Yamamoto & J. V.Valentova (Eds.), **Manual de psicologia evolucionista** (pp. 255-270). Natal, RN: EDUFRN.
- MARTINS, G. D. F., VIEIRA, M. L., **Desenvolvimento humano e cultura: integração entre filogênese, ontogênese e contexto sociocultural**. *Estudos de Psicologia*. 2010, v. 15, n. 1, pp. 63-70. Natal – RN, 2010.
- NATIVIDADE, J. C., SILVANO, M. B., FERNANDES, H. B. F., **Diferenças entre homens e mulheres: desvendando o paradoxo**. *Revista Psicologia: Organização e Trabalho*, p. 119-122, 2014.
- OLIVA, A. D. et al.. **Razão, emoção e ação em cena: a mente humana sob um olhar evolucionista**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 22, n. 1, p. 53-61, jan. 2006.

OTTA, E., RIBEIRO, F. L., BUSSAB, V. S. R., **Inato versus adquirido: a persistência da dicotomia.** Revista de Ciências Humanas, EDUFSC, n.34, p. 283-311, Florianópolis – SC, 2003.

PRINCE, J., SLOMAN, L., GARDNER, R., GILBERT, P., ROHDE, P., **The social competition hypothesis of depression.** British Journal of Psychiatry, 164(3), 309-315.

TAVARES, A. C. de S., LIMA, R. F. F., TOKUMARU, R. S., **Teorias Evolucionistas da Depressão: panorama e perspectivas.** Psicologia USP, v. 32.

TOOBY, J., COSMIDES, L. (1992). **The adapted mind: evolutionary psychology and the generation of culture** (pp. 19-127). New York: Oxford University Press.

VIEIRA, M. L., OLIVA, A. D. **Evolução, cultura e comportamento Humano.** Florianópolis, SC. Editora do Bosque, 2017.

YAMAMOTO, M. E., VALENTOVA, J. V. (Org), **Manual de Psicologia Evolucionista.** Natal: Edufrm, 2018. 844 p.